

RESENHA

RICHARDS, Thomas. *Trabalhar com Grotowski sobre as ações físicas*. São Paulo: Perspectiva, 2012, 151 p.

Raimundo Matos de Leão

Raimundo Matos de Leão é doutor e mestre em Artes Cênicas. Professor Adjunto I da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, credenciado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Escritor e dramaturgo. Membro do Grupo de Pesquisa DRAMATIS – Dramaturgia: mídias, teoria, crítica e criação. Autor de *Abertura para outra cena: o moderno teatro na Bahia* (EDUFBA, 2006) e de *Transas na Cena em Transe: teatro e contracultura na Bahia* (EDUFBA, 2009).

O ator e diretor Thomas Richards, colaborador do encenador polonês e teórico do teatro Jerzy Grotowski, é autor de *Trabalhar com Grotowski sobre as ações físicas*, livro que trata dos princípios básicos da prática grotowskiana. Richards graduou-se em Música e Estudos Teatrais pela Universidade de Yale – Estados Unidos da América. Seu mestrado em Arte, Música e Espetáculo realizou-se na Universidade de Bolonha – Itália, doutorando-se em Artes, Teatro e Estudos da Dança, pela Universidade Paris VIII – França. Por escolha do próprio Grotowski, Thomas Richards assume a direção artística (1999) do Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards, situado em Pontedera – Itália, prosseguindo as pesquisas sobre o trabalho do ator, centro das preocupações do encenador polonês. Richards conviveu oito anos com Grotowski, primeiramente como aprendiz, para depois tornar-se seu assistente. O contato inicial do norte-americano com as práticas desenvolvidas pelo Teatro Laboratório deu-se através de Ryszard Cieslak, uma referência, pois sua atuação em *O Príncipe Constate* traduz cenicamente o trabalho com as ações físicas sob a ótica

grotowskiana. É na Universidade de Yale que Thomas Richards inicia-se nas práticas laboratoriais sobre o ofício do ator, numa perspectiva que remetia a Stanislavski e abria-se noutra vertente. O encontro com Cieslak leva o estudante de teatro ao encontro de Jerzy Grotowski, nascedouro de uma parceria iniciada em 1985, e que evolui ao longo dos anos, de forma que Thomas Richard se torna um continuador de uma investigação que tem início na Polônia, por volta de 1959. Este relacionamento entre mestre e discípulo é um dos temas tratados no livro, objeto desta resenha.

Traduzido por Patrícia Furtado de Mendonça, *Trabalhar com Grotowski sobre as ações físicas* contém um prefácio e o ensaio intitulado *Da companhia teatral à arte como veículo*, de autoria de Jerzy Grotowski. Contendo doze capítulos curtos, o autor expõe na obra os contatos com Cieslak, e posteriormente com Grotowski, e relata pormenorizadamente os princípios que sustentam a investigação sobre o método das ações físicas. O texto é a exposição de uma experiência de transmissão, como bem expressa Grotowski. Ele afirma que o aprendizado se dá pela conquista; conquista do conhecimento por parte do aprendiz, que recebe do outro, ou que lhe “rouba” o que lhe é transmitido, para enfim se tornar alguém que ensina. É uma demonstração sistematizada de um processo longo, mas profícuo. E assim é a relação entre Grotowski e Richards. Na leitura dos capítulos, toma-se contato com essa experiência duradora e intensa, que abarca um período de oito anos dedicados ao trabalho em torno da arte como veículo, definida por Grotowski como uma ação estruturada a longo prazo, com ênfase na pesquisa e diferenciada da arte como apresentação.

No primeiro capítulo, Richard estabelece as conexões entre Constantin Stanislavski e Jerzy Grotowski, afirmando a necessidade do aprendizado pela prática, ou seja, aprender fazendo, e não pelo domínio de ideias e teorias. A teoria serve para resolver problemas que aparecem durante o processo. Por diversas vezes, o autor afirma o respeito do encenador polonês pelo passado, tendo em vista que encontra nas experiências pretéritas as ferramentas que emprega em seu trabalho. Tal postura evidencia o interesse pelo método das ações físicas, uma prática que aparece na fase final das pesquisas de Stanislavski, e que

serão retomadas nas experiências grotowiskianas. Essa é uma questão que muitos grupos não levam em conta, “pulando direto para o desconhecido”, como afirma Richards.

Os princípios que se articulam nas duas vertentes inovadoras (Stanislavski e Grotowski) serão demonstrados por Cieslak, quando de sua passagem por Yale, ao ministrar oficinas. Nelas, Cieslak conscientiza os participantes sobre a necessidade da improvisação, ponto chave da proposta, aliada à disciplina e ao trabalho físico e à exata fisicalidade em vez dos estados emocionais, pois de acordo com Stanislavski não se pode fixar sentimentos, mas ações físicas.

A seguir, Richards relata os primeiros contatos com Grotowski, ao descrever o trabalho que este desenvolveu no Workshop no Objective Drama Program. Centrado na improvisação dentro de uma estrutura, o trabalho do ator deve encontrar um paralelo com atuação dos músicos do “primeiro jazz”, improvisadores a partir de uma base melódica. Ao destacar a improvisação, o autor aponta dois aspectos no processo criativo que sustentam o espetáculo e lhe dão plenitude: a forma e o fluxo de vida. As duas *forças opostas* equilibram a vida cênica. A ênfase na improvisação estruturada e controlada antepõe-se ao entendimento, que pensa o improvisado como algo que faz livremente, sem coordenadas.

O autor prossegue a narrativa contando a sua imersão no trabalho conduzido por Grotowski, suas dúvidas, seus avanços, suas impressões e as descobertas advindas do primeiro encontro. As revelações serão confirmadas quando da palestra proferida no Hunter College de Nova York, ocasião em que Grotowski retoma a questão da ação física, diferenciando-a da atividade física e demonstrando os modos como se dão uma e outra. Ao concluir a quarta parte de seu texto, Thomas Richards afirma ter compreendido o método das ações físicas segundo Stanislavski, que lhe parece simples e lógico, fácil demais. Mas ao chegar a Itália para continuar seu estudo com Grotowski, ele percebe e aprende: compreender alguma coisa mentalmente é diferente de *fazer* algo: aí está o segredo, pois a prática coloca o sujeito em movimento, em ação.

Na Itália, o trabalho configura-se na criação de *mystery plays*, solos constituídos de cantos antigos, aqueles ligados à infância do solista. Esta experiência é contada

detalhadamente em suas etapas, culminando com a análise feita por Grotowski. Prosseguindo a narrativa, o autor destaca as etapas do processo investigativo, visando o preparo do ator para melhor desempenho de seu ofício. Acentuam-se os esforços de Richards em cumprir o programa estabelecido, resultando em crescimento. O envolvimento com o trabalho é testemunhado por seu orientador, resultando no convite para Thomas Richards ser um dos três assistentes em Pontedera, onde é fundado o Workcenter of Jerzy Grotowski em 1986. Neste centro, cada assistente é responsável por formar um grupo de artistas talentosos, reunidos em condições adversas, já que organizadores não dispunham de dinheiro para pagamento aos participantes.

Formado os grupos, retoma-se o processo com as ações físicas e sua diferenciação da atividade física. Para Grotowski, limpar o chão ou lavar a louça é uma atividade, não uma ação física. No entanto, uma atividade pode se tornar uma ação. Para Stanislavski, o trabalho com as ações físicas era um meio para que os atores criassem uma vida real no espetáculo. Para Grotowski, o trabalho com as ações físicas é uma ferramenta para encontrar “algo”. Estruturadas as ações em uma linha fixa, o ator age espontaneamente. A espontaneidade se dá pelas ações estruturadas. Seguindo as orientações, Thomas Richards passa a desenvolver seu trabalho como assistente, contando sempre com a colaboração de Grotowski nas diversas fases.

Em outra etapa do processo, Grotowski redefine a noção de *organicidade*, que para Stanislavski significava as leis naturais da vida, que aparecem no palco e se tornam arte através da estrutura e da composição. Na visão grotowskiana, a *organicidade* está ligada à corrente de impulsos interiores que terminam numa ação. Marcam-se as afinidades e as diferenças. Stanislavski trabalhou as ações físicas no contexto da vida, das relações entre as pessoas vivendo em uma dada circunstância da vida cotidiana e das convenções sociais. Já Grotowski vê as ações físicas em uma corrente essencial de vida, sendo que nesta corrente os impulsos são mais importantes. “Mas a arte do ator não está necessariamente limitada a situações realistas, a jogos sociais, à vida cotidiana” (p.116) enfatiza Richards. Segue-se a afirmação de que a qualidade e o alto nível dessa arte são visíveis quando ela se distancia do

fundamento realista para mergulhar nos domínios da excepcionalidade, ou seja, a corrente viva dos impulsos puros. Para atingir tal patamar, o artista precisa de muitos anos de prática diária. O ator deve ter consciência do que faz no palco, da mesma forma que na vida. A chave não está na inspiração, pois o que fica é a construção. Assim, “o ator deve *ver seus próprios modos de fazer* (na vida cotidiana) para que depois possa *construir* esses ‘fazeres’ (ações) no palco de forma consciente.” (p.117)

Na última parte do livro, Thomas Richards expõe minuciosamente as conclusões sobre as ações realistas. Ele descreve a continuidade da pesquisa de Stanislavski por Grotowski, objeto da totalidade do livro. Como continuador do artista russo e não um mero repetidor de suas descobertas, Grotowski explica a Thomas Richards sobre o conhecimento que Stanislavski tinha das pequenas ações realistas e de sua aplicação no trabalho criador. A percepção vinha da observação cuidadosa da vida. Segue-se então o relato de uma ação vivida por um jovem que entra tranquilamente em um bar e sai noutro estado emocional. Por fim, este mesmo evento é descrito a partir da atuação por um ator. Exemplarmente, vê-se a exposição de uma prática, evidenciando-se que o comportamento do jovem é quase inconsciente, mas “a preparação do ator deve ser *consciente*, porque ele tem que construir o papel.”

Resumidamente expusemos o conteúdo da obra, apontando os elementos necessários para sua compreensão. O livro em tela é uma importante contribuição aos estudos sobre o ofício do ator, visto que expõe de maneira pormenorizada o seu tema, como um guia que direciona uma prática. A descrição da experiência artístico-pedagógica segue o salutar caminho da transmissão. Como um legado, os ensinamentos de Grotowski via Richards são norteadores, mas não são um receituário para aqueles que se dedicam a preparar atores para o exercício de sua atividade.

No livro de Thomas Richards são descritos princípios básicos de uma prática ainda não compreendida por muitos. Eles são inquietantes e despertam interesse desde que se publicou no Brasil (1970) *Em busca de um teatro pobre*, o livro basilar de Jerzy Grotowski, divulgado por Eugênio Barba. A apresentação sistematizada do trabalho vivido por Thomas

Richards torna a publicação resenhada uma narrativa significativa, pois é fruto de uma experiência processual, vinculada às descobertas que se dão no próprio corpo de quem a descreve.

Richards revela passo a passo a sua vivência; generosamente, ele divulga os ensinamentos e os vínculos que estabelece com seu mestre. Não sem motivo, tornou-se um continuador desta rica proposta de preparação de atores; proposição esta que está fincada no passado, visto que segue as coordenadas de Constantin Stanislavski, mas sob outra ótica permanece viva, pois dinâmica. Interessante ressaltar que a prática grotowskiana, ao ser introduzida no Brasil, foi entendida erroneamente por alguns desavisados, como negação dos princípios do artista-pedagogo que revolucionou a arte do intérprete, desde o Teatro de Arte de Moscou, no final do século 19, até a sua morte em 1938.

Conforme Walter Benjamin, um dos traços da narrativa de uma experiência é o senso prático guiando os passos do autor-narrador, existindo, na exposição, uma dimensão utilitária, pois permeada de conselhos. Assim, o narrador entra em contato o leitor informando-o, contribuindo com a sua formação. É o que acontece com o livro *Trabalhar com Grotowski sobre as ações físicas*, pois suas proposições nos chegam como ensinamentos necessários para que compreendamos um pouco mais sobre as ações físicas e, sobretudo, sobre o tempo e a dedicação que o ator deve dispor para aperfeiçoar seu ofício. Nesta perspectiva, avalia-se positivamente a iniciativa de se editar o livro de Thomas Richards. O texto vem se juntar aos publicados recentemente¹, dando-nos dimensões do trabalho grotowskiano; trabalho sempre iluminador, pois seus seguidores tratam-no como um conjunto de ensinamentos dinâmicos, geradores de novas propostas a alimentar a pesquisa e a cena teatral.

¹ Em 2006, a Perspectiva lança *A Terra de Cinzas e Diamantes*, de Eugênio Barba, longo depoimento sobre a descoberta dos princípios desenvolvidos na Polônia por Grotowski. Em 2007, sob a chancela do SESC-SP, da Perspectiva e da Fondazione Pontendera de Teatro edita-se *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski, 1959 – 1969*, textos e materiais de Grotowski e Ludwik Flaszen. O Teatro Caleidoscópio e a Editora Dulcina (Brasília, 2011) publicam *Avec Grotowski* de Peter Brook.